



MISHANI, D. A. *The Missing File*. Trans. Steven Cohen. New York: HarperCollins, 2013. 289p. Publicado originalmente como *Tik Needar* em Israel por Keter Brooks em 2011.

## O caso do arquivo desaparecido, ou porque não existia uma literatura de detetive israelense

Julio Jeha\*

Numa cultura assombrada pela aniquilação sistemática de seus ancestrais na Segunda Guerra Mundial e por uma ameaça constante por parte dos vizinhos atuais, não haveria crimes importantes o suficiente para justificar uma literatura de detetive? Quando os delitos que um agente de polícia tem de resolver se resumem a queixas de mães sobre o comportamento dos filhos, é porque nada de realmente criminoso parece acontecer? Essa é a situação do investigador Avraham Avraham, que explica à terceira mãe que atende num fim de tarde por que não existem romances de detetive em hebraico.

Israel não produziria livros como os de Agatha Christie ou *A garota com tatuagem de dragão*, segundo ele, porque lá não existem assassinos seriais ou sequestros, nem há muitos estupradores atacando as mulheres nas ruas. Quando ocorre uma transgressão, o culpado é o vizinho ou alguém da família e não há necessidade de grandes investigações para solucionar o mistério. “Simplesmente, aqui não há mistério”, ele diz à mãe que o procurou para denunciar o desaparecimento de seu filho adolescente.

A história se passa não na agitada Tel Aviv ou na sagrada e conturbada Jerusalém, mas na pequena Holon, alguns quilômetros ao sul da capital. A narrativa sobrepõe o ponto de vista do detetive e o do suspeito principal, um professor do ensino básico que leva uma vida tão sem graça quanto a do policial. Ze'ev Avni, o professor, no entanto, decide tornar sua vida mais interessante, intrometendo-se na investigação, o que lhe trará mais problemas do que ele consegue resolver. Longe de ser um herói típico, o investigador é um policial bom e confiável que fuma demais e, às vezes, bebe. É desorganizado, de inteligência mediana; trabalha muito, mas não tem tato político. Avraham é um homem comum que leva uma vida comum numa cidade pacata, num país em que os crimes sérios são da alçada do Shin Bet, o serviço de segurança nacional.

Avi gosta de assistir às séries policiais na televisão para apontar os erros que os detetives cometem, mas ele não parece notar os próprios, causados por sua indecisão e dúvida quanto à sua capacidade. Essa incapacidade de perceber a



verdade, que começa na literatura com Édipo, o criminoso que investiga o próprio delito, parece ser o tópico de *The Missing File*, que pode ser traduzido como “o arquivo desaparecido” ou “o arquivo que falta”. Quando Avi afirma não existir uma ficção de detetive em hebraico, o leitor israelense é levado a perceber uma disjunção entre o que ele lê e a realidade, pois tem nas mãos *Tik Needar*, o título original. Essa ironia, claro, não escapa aos seus leitores nem aos da versão em inglês, que, desde as primeiras páginas, começam a pensar duas vezes sobre a verdade e a verdade presumida.

Se por um lado, a hipótese do investigador de Holon mostra que ele ou desconhece o mercado literário israelense, ou não é muito inteligente. Ou ambas as possibilidades se aplicam. O problema de Avi é confiar em todos, é a sua vontade de mostrar que todos são inocentes. Durante a investigação, porém, ele começa a se questionar, questionar sua vida e tudo o que sabe. Nada mais é o que parece ser. Avi funciona como o porta-voz do autor, Dror Mishani, que declarou numa entrevista ao *e-zine Shots* que suspeita das soluções apresentadas pelos detetives ficcionais, inclusive Sherlock Holmes.

Ao *site* da National Public Radio, Mishani atribuiu a inexistência de uma ficção de detetive em hebraico às origens políticas da literatura israelense, que surgiu no século 19 como parte do projeto nacional judaico de revitalização da língua. Era uma literatura fundamentalmente ligada a questões nacionais, como identidade, passado e futuro de um povo. Por sua vez, o gênero ficção de detetive é global, pois lida com violência nas cidades, distante de temas nacionalistas. Segundo o escritor, quando as primeiras traduções de Sherlock Holmes apareceram, na década de 1930, em Israel, foram criticadas por não terem utilidade para o projeto judaico de nação.

Existe ainda outra razão, de cunho sociológico. Um protagonista norte-americano pode ser um xerife de histórias de caubóis ou um Dirty Harry, mas, em Israel, o personagem principal é sempre um soldado ou um espião. Tradicionalmente, de acordo com Mishani, os membros da polícia israelense são judeus sefarditas e costumam vir das classes mais baixas. Daí a dificuldade de conceber um agente da polícia como um herói. Onde que a criação de Avraham Avraham, um sefardim de classe média, sem nenhum glamour, habitante dos subúrbios de Tel Aviv, passa a ser um ato quase político.

O livro de Mishani foi indicado pela Criminal Writer's Association para concorrer ao Duncan Lawrie International Dagger de 2013, um prêmio dado à melhor ficção de crime traduzida para o inglês. Deve ser seguido por *Possibility of violence*, que o autor está escrevendo. Além de trazer um mistério bem



construído, *The Missing File* oferece ao leitor um vislumbre do dia a dia da vida em Israel, cuja cultura vai além das memórias de um atentado contra a humanidade e de ameaças terroristas cotidianas, para incorporar as transgressões cometidas por uma população que se desloca cada vez mais para os grandes centros urbanos.

-----

\* **Julio Jeha** é Professor Associado na Universidade Federal de Minas Gerais, coordenador do Núcleo de Estudos de Crimes, Pecados e Monstruosidades na mesma instituição. Pesquisador do CNPq com bolsa de produtividade e da Fapemig, com bolsa Pesquisador Mineiro.